

Os Burkeanos de Brooklyn

O significado, o legado e o futuro do neoconservadorismo são, frequentemente, temas fervorosamente contestados. Mas a história do neoconservadorismo – particularmente a sua história inicial – tem sido considerado, há muito, uma área amplamente instituída.

De acordo com a narrativa pre-valecte, os membros da primeira geração de neoconservadores – de entre os quais Irving Kristol é talvez o mais famoso – eram intelectuais de esquerda que surgiram a questionar e a rejeitar os dogmas do liberalismo progressivo durante os anos 60, especialmente em resposta ao radicalismo cultural dos movimentos de protesto estudantis e à ambição equivocada da Grande Sociedade. “Assaltados pela realidade”, como Kristol memoravelmente referia, eles embarcaram numa viagem em direcção à direita, explicando-se por via de publicações como a revista trimestral de Kristol, *The Public Interest*, ou a revista mensal de Norman Podhoretz, *Commentary*. A sua heresia despertou a ira dos ex-camaradas de esquerda, um dos quais, o teórico político Michael Harrington, é tido como tendo sido o primeiro a aplicar-lhes o termo “neo-conservador”, numa crítica à *Public Interest* desenvolvida num ensaio de 1973 na revista social-democrata *Dissent*.

Esta história familiar provou ser conveniente, ao longo dos anos, tanto para os neoconservadores como para os seus críticos. No entanto, não resiste à investigação histórica. Esta investigação revela uma história bem mais interessante, impressionante e cativante – principalmente no que diz respeito a Kristol



POR
Jonathan Bronitsky

Historiador Doutorado pela Universidade de Cambridge

e à sua esposa, a historiadora Gertrude Himmelfarb. Esta história envolve décadas de evolução intelectual e tem início bem antes dos empolgantes anos 60 com uma inclinação profundamente conservadora de compreender a vida moderna através da lente da tradição Anglo-Americana do pensamento político.

Partindo de um arquivo de material nunca antes em ambos os lados do Atlântico, podemos agora recontar uma história de longe mais minuciosa e precisa de Kristol, Himmelfarb e do seu contexto intelectual. Ao fazê-lo, podemos lançar uma nova luz tanto no ambiente intelectual da América do pós-guerra, bem como nas raízes da “persuasão” filosófica que transformaram, eventualmente, a política Americana.

UM ‘NEOCONSERVADOR’ COMO EU PRÓPRIO

Para demonstrar a inadequação da narrativa convencional do neoconservadorismo, precisamos apenas de considerar uma disputa entre dois intelectuais

nova-iorquinos em meados dos anos 50, quase duas décadas depois de o termo “neoconservador” ter sido supostamente aplicado pela primeira vez a Irving Kristol e as seus companheiros de travessia.

Kristol e o formidável crítico de arte Harold Rosenberg tinham-se batido frontalmente sobre a política durante algum tempo. Não obstante as diferenças irreconciliáveis de opinião, partilhavam origens extraordinariamente semelhantes. Ambos eram filhos de Judeus de baixa classe trabalhadora e imigrantes da Europa do Leste. Ambos tinham nascido e sido criados no Brooklyn. Ambos tinham recebido a sua formação no City College of New York, conhecido como “Harvard do Proletariado”. Ambos aderiram a fações de Trotskismo durante a Grande Depressão. E ambos se separaram da esquerda radical depois da “Grande Purga” da União Soviética e o seu pacto de não-agressão com a Alemanha nazi destruiu as suas ilusões socialistas.

As hostilidades entre os dois começaram quando Kristol, numa carta pessoal, acusou Rosenberg de ter sido “demasiado fiel ao mestre” num ensaio sobre Karl Marx na *Kenyon Review*. A carta enfureceu Rosenberg, que se acalmou um pouco depois de Kristol, então editor da revista mensal *Encounter*, ter aceite um artigo seu para publicação. Os conflitos foram reacendidos, todavia, depois de Rosenberg ter concluído que Kristol, com um propósito de polémica, ter alterado o título de um segundo artigo seu sem permissão. Ele optou por expressar os seus ressentimentos contra Kristol em público, especificamente o culto de Kristol de “Liberalismo de Sofá”, com uma placa numa pequena mas relevante revista intelectual. Os dois trocaram correspondência calorosa durante semanas até que Kristol, novamente numa carta pessoal, ter declarado a Rosenberg: “Nós tivemos desentendimentos relativamente à natureza da liberdade, à natureza da Sociedade Americana, ao papel do intelectual, e a muitas outras coisas – por outras palavras, os clássicos desentendimentos que podem ser esperados entre um radical como tu e um “neoconservador” como eu”.

Era Dezembro de 1955, e Kristol estava a escrever do escritório com duas divisões da *Encounter* em Haymarket, perto de Piccadilly Circus em Londres. No ano seguinte, Kristol recebeu um saco de rascunhos

de notas palestras no correio do seu bom amigo Daniel Bell, então editor [labor] da *Fortune*, pedindo “os valiosos comentários desse neoconservador I. Kristol”. Era, sem dúvida, uma espécie de piada, e a auto-descrição de Kristol a Rosenberg pareceu ter sido um pouco sarcástica também – daí as aspas no termo “neoconservador”. Mas estes primeiros notáveis usos do termo, com o qual Kristol estaria um dia inexoravelmente ligado, foram também indicações inequívocas da exasperação de longa data de Kristol com o idealismo ingénuo do liberalismo.

Uma exasperação deste género era característica de um certo tipo de desvio intelectual em relação à esquerda nos anos 50. Norman Podhoretz, reflectindo sobre a década anterior em 1957, atestou que “todas as incursões díspares contra o liberalismo aplicaram a mesma táctica: todas se estabeleceram para mostrar que o liberalismo era culpado por possuir uma falha ao adoptar uma visão demasiado complexa da realidade”. De facto, esta atitude tinha já sido designada “neoconservadora” pelo menos uma vez por outro membro do círculo intelectual de Kristol na década anterior: “Os neoconservadores do nosso tempo”, o crítico social Dwight Macdonald escreveu na *Partisan Review* em 1943, “rejeita as proposições do Materialismo, Natureza Humana, e Progresso” que eram indispensáveis para a perspectiva progressista.

A este respeito, pelo menos, o neoconservadorismo de Irving Kristol surgiu bem antes do lançamento da *Public Interest* em 1965, e mesmo antes da sua desavença com Rosenberg. E, mesmo que não tenha escrito ou falado frequentemente sobre o seu desenvolvimento intelectual, Kristol não escondeu propriamente dos seus cronistas posteriores que começou o seu desvio da esquerda quando era um homem bastante novo. “Eu comecei a aproximar-me da direita há muito tempo”, informou ao *New York Times* em 1970. “No meu caso, tem sido um desvio bastante estável, desde 1942”. Kristol reiterou, em 1983, numa entrevista à revista *Reason*: “Eu deixei mesmo de ser socialista nos anos 40, e nunca fui um liberal ortodoxo”.

Ao analisar material de fonte primária previamente inexplorado, podemos começar a delinear a verdadeira génese do neoconservadorismo de Kristol. O período de 1942 até 1958, quando Kristol



| Irving Kristol |

regressou a Nova Iorque depois de cinco anos em Londres, é particularmente sob-examinado, e particularmente importante; Daniel Bell descreveu este tempo como “um dos períodos mais criativos da vida de Irving”. Um estudo da vida e do trabalho de Kristol nesse período confirma que este afastamento em relação ao liberalismo começou muito antes daquilo que a maioria dos observadores do neoconservadorismo tem assumido desde há muito. E também demonstra que as suas preocupações e prioridades iniciais eram predominantemente culturais, históricas, religiosas e filosóficas, em vez de políticas. Adicionalmente, estabeleceu ainda que a sua renúncia ao liberalismo foi provocada e reforçada pela sua exposição àquilo que melhor pode ser designada como a variante Britânica do liberalismo clássico, ou aquilo que agora classificamos de forma geral como conservadorismo.

Esta história não-contada ilustra também que a introdução e a extensa educação de Kristol naquele liberalismo clássico veio, sobretudo, da sua mulher de há 67 anos: Gertrude Himmelfarb. Com efeito, Himmelfarb – conhecida pelos seus amigos como “Bea” – deveria ser entendida não apenas como uma estimada historiadora internacional da Inglaterra Vitoriana mas também como

uma figura central na trajectória do neoconservadorismo e do conservadorismo Americano do pós-guerra. A influência da sua paixão pelo pensamento moral e político Britânico pode ser reconhecido em praticamente todas as posições que Kristol manteve na cultura, economia, religião, história, filosofia e política. “Olhando para trás”, lembrou Kristol em 1995, “surpreende-me a forma como eu e a Bea estivemos intelectualmente interligados ao longo dos anos – perseguindo matérias diferentes mas possuindo os mesmos pensamentos e alcançando as mesmas conclusões”.

Estes pensamentos e conclusões não eram tanto o que a narrativa familiar sobre o neoconservadorismo sugere, ainda que, aqui também, Kristol – numa daquelas raras ocasiões em que abriu os seus braços e influências – ofereceu orientação que foi ignorada pelos historiadores. “Se eu quisesse dizer o que é o neoconservadorismo como um impulso intelectual”, Kristol afirmou em 1983, “diria que é um esforço para unir estas duas tradições conservadoras representadas por um lado por Edmund Burke e por outro por Adam Smith”. Da mesma forma, ele explicou numa carta a Danel Polisar, em 1999, que a sua “missão” no “desenvolvimento do neoconservadorismo” tinha sido a de “reconciliar

Adam Smith e Burke – que eram amigos e se admiravam mutuamente”. “Eles conseguiram dar-se bem o suficiente na Inglaterra do século XIX”, ele acrescentou, “e assim se mantiveram, mesmo que de forma errática, na América do século XX”. Kristol estava apenas a afirmar aquilo que tinha delineado na *Commentary* quatro décadas antes, em 1960: “Nos seus próprios dias, apesar das suas mentalidades evidentemente diferentes, Burke e Smith estavam unidos em afirmar as duas mais importantes proposições da original síntese *Whig*: (1) a liberdade é o mais precioso bem político e (2) a civilização é o resultado da acção humana mas não do desígnio humano”.

Ao longo dos anos, alguns observadores verificaram que o liberalismo clássico era a base da visão do mundo de Kristol e Himmelfarb. Em 1972, Robert Bartley, editor do *Wall Street Journal*, declarou que os escritos de Kristol pareciam saltar “quase directamente das páginas de Edmund Burke, cujas ideias a palavra conservador surgiu para descrever”. Michael Harrington seguiu o exemplo no ano seguinte na *Dissent*. “A filosofia por detrás desta história”, opinou ele sobre a crítica neoconservadora ao liberalismo, “re-cua pelo menos a Edmund Burke e à sua afirmação do desenvolvimento orgânico de uma sociedade como um argumento contra a intervenção estatal com a providência da ordem natural das coisas”. Em 1985, num artigo no *El País*, o jornal de maior distribuição em Espanha, que enfatizava a ligação entre o Burkeanismo e o neoconservadorismo. “A chave”, afirmava ao artigo (de acordo com a tradução), “deveria ser encontrada nos casos anti-utópicos de um tipo de raciocínio político-filosófico inspirado por Burke – a persuasão Burkeana – ou a resistência a impulsos ideológicos provenientes do racionalismo político, utopia e terror”. Além disso, Diana Trilling, mulher do crítico literário Lionel Trilling, confessou no seu livro de memórias de 1993 que os seus prezados amigos Kristol e Himmelfarb

eram conhecidos como “Burkeanos, não Republicanos de direita nem Republicanos de qualquer tipo”.

Este ênfase no Iluminismo Anglo-Escocês é dificilmente aquilo que vem à memória quando a maioria das pessoas pensa em neoconservadorismo, mas os primeiros e esquecidos anos de Kristol e Himmelfarb sugerem que é o que deveria ser.

UM LIBERAL COM UMA DIFERENÇA

O nosso esforço para determinar com precisão o registo histórico começa em 1942, por mais do que uma razão. Este foi o ano que seria, mais tarde, identificado por Kristol como o início da sua separação da esquerda. Foi também o ano em que Himmelfarb, pouco depois de ter casado com Kristol, começou os seus estudos graduados em história na Universidade de Chicago.

A sua tese de mestrado procurou reforçar o argumento defendido por Samuel Taylor Coleridge e William Wordsworth que o Reino do Terror – a fase mais sangrenta da Revolução Francesa – foi o derradeiro cumprimento do conceito de “vontade geral” de Jean-Jacques Rousseau. Foi uma ideia que os próprios Coleridge e Wordsworth derivaram, em grande parte, de Edmund Burke, e esta leitura pouco ortodoxa da Revolução Francesa seria repercutida ao longo dos trabalhos posteriores tanto de Kristol como de Himmelfarb. “Depois de 1789, a política deixou de ser considerada como a gestão prudente de homens e circunstâncias, para se tornar na ‘realização de ideias’”, lamentou Kristol na *Yale Review* em 1958. “O pensamento político tornou-se irremediavelmente ideológico: uma imposição de ideias na vida política, em vez de uma emergência de políticas das experiências vividas”.

De facto, Kristol começou a incorporar esta perspectiva Burkeana nos seus próprios trabalhos pouco depois de Himmelfarb ter começado os seus estudos. Na

edição de Abril de 1944 da *Enquiry* – uma revista pouco conhecida que ele e Philip Selznick fundaram e que era dedicada, como o seu subtítulo indicava, ao “pensamento independente radical” – Kristol louvava o “realismo moral” de E. M. Forster como uma garantia contra a fé zelosa da esquerda na sua própria capacidade de resolver todos os males da sociedade. “Ainda que insatisfeito, claro, com os costumes dos homens”, Kristol notou friamente, “não prevê novas virtudes mas sim, na melhor das hipóteses, uma distribuição mais vigorosa das antigas. É não escatológico, céptico das revisões propostas da natureza do homem, interessado nos seres humanos tal como os vê, contente com as possibilidades e limitações que estão sempre connosco”. A filosofia de Forster poderia, continuou Kristol, a temperar o “moralismo fácil” do “estado de espírito liberal...cuja base é a pretensão, a auto-satisfação e a falta de imaginação”. Estas palavras dificilmente seriam típicas de um liberal do New Deal.

Pouco depois de terem sido publicados, Kristol foi recrutado para servir na Segunda Guerra Mundial. Lutou como soldado de infantaria no 17º Batalhão de Infantaria Blindada da 12ª Divisão Armada, apelidado de “Hellcats”, que assegurou uma série de vitórias cruciais sobre as *Wehrmacht* em Colmar e no sul da Alemanha e libertou vários campos “satélite” Dachau. Esta experiência de dever extinguiu em Kristol quaisquer fantasias progressistas persistentes que não tinham sido ainda esmagadas pelo totalitarismo Soviético e expostas pelos trabalhos dos teólogos Protestantes novos-ortodoxos Reinhold Niebuhr e Paul Tillich. Incentivado pela primeira vez pela grande proximidade com Americano ímpares de todo o país, Kristol concluiu que a distância entre o homem socialista que ele tinha apregoado enquanto estudante universitário nos recantos e caves bafientas do City College e o homem actual que se tinha encontrado no mundo real era – para o bem e para o mal – demasiado ampla para ser atravessada, e fazia pouco sentido continuar a fingir o contrário.

Logo após ter regressado a Chicago depois da guerra, Kristol dirigiu-se de volta ao outro lado do Atlântico. A partir de Outubro de 1946, ele e Himmelfarb passaram nove meses em Inglaterra, na Universidade de Cambridge. Himmelfarb, com uma bolsa de estudo,



Kristol reiterou, em 1983, numa entrevista à revista *Reason*: “Eu deixei mesmo de ser socialista nos anos 40, e nunca fui um liberal ortodoxo”

examinou textos pessoais sobre o seu tema de doutoramento: o historiador Inglês e católica John Emerich Edward Dalberg-Acton, geralmente referido simplesmente como Lord Acton. Acton, provavelmente mais conhecido pelo seu aforismo sobre a tendência para o poder de corromper, também desfaçou a infalibilidade papal e dedicou muita da sua vida a uma épica história da liberdade, uma vez que era considerada por alguns como “o melhor livro nunca escrito”.

Enquanto fazia investigação para a sua tese de mestrado, Himmelfarb tinha-se cruzado com Acton por meio das suas palestras sobre a Revolução Francesa, proferidas entre 1895 e 1898 enquanto ele era *Regius Professor* de História Moderna em Cambridge. “A conclusão lógica do seu argumento”, escreveu mais tarde, “seria a de que não foi a democracia, nem a violência, ou qualquer outra circunstância fortuita que perverteu a Revolução Francesa, mas sim a ideia de liberdade ela própria – a liberdade como uma ideia”. De forma crítica, Acton encaminhou Himmelfarb para Edmund Burke, que rapidamente se tornou numa das suas, e das do seu marido, principais inspirações históricas e intelectuais. Burke e Acton, de acordo com o historiador Inglês o Arcebispo David Mathew, foram “mestre e discípulo”. O próprio Acton havia elogiado Burke como “o professor da humanidade” e enaltecido os seus discursos parlamentares de 1790 a 1795 como “a lei e os profetas”. Himmelfarb descreveu Acton como “um liberal com uma diferença” e alertou os seus colegas em 1949 para evitarem a tentação de “o inserir numa tradicional escola de pensamento” ou “numa filosofia ou escola pré-feita”.

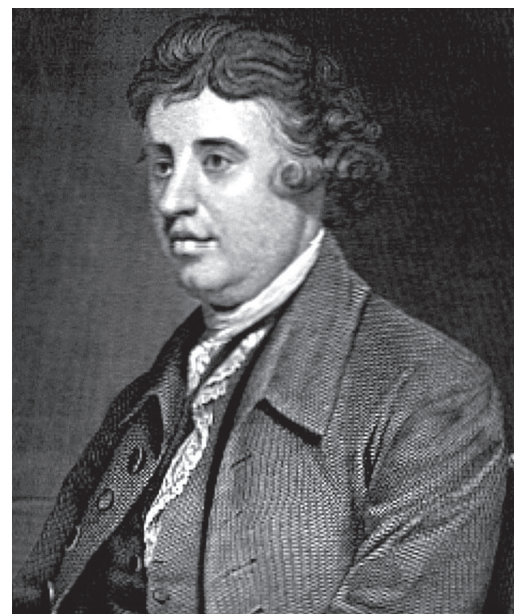
O tempo de Kristol e Himmelfarb em Cambridge, apesar de breve, intensificou a sua emergente ligação ao liberalismo clássico. Eles foram imensamente influenciados pelo orientador *pro tempore* de Himmelfarb, Herbert Butterfield, um especialista de renome em Acton. Tal como Niebuhr, Butterfield era um devoto da nova-ortodoxia, que o levou a lamentar que a sociedade moderna tinha “apostado com muita determinação naquilo que era uma perspectiva demasiado optimista sobre o carácter do homem”. A sua profunda influencia em Himmelfarb, e por sua vez em Kristol, implica a sua visão sobre

a investigação histórica, que foi consagrada no seu inovador trabalho de 1931, *The Whig Interpretation of History*. “A história Whig”, ele afirma, foi a tendência dos historiadores “para escreverem pelo lado de Protestantes e Whigs, para elogiarem as revoluções que tivessem sido bem sucedidas, para enfatizarem certos princípios do progresso no passado e para produzirem uma história que é a ratificação, senão a glorificação, do presente”. A história, como é frequentemente retratada, Kristol referiu na *Commentary* em 1952, “é o registo de uma luta entre a Liberdade e a Autoridade, a Razão e o Preconceito, a Direita e a Esquerda, com a vitória da última assegurada pela preponderância crescente entre a humanidade para as opiniões racionais e para a conduta racional.

Também enquanto estavam em Cambridge, Kristol e Himmelfarb começaram a evidenciar afinidades com a economia clássica, contradizendo a historiografia que os caracteriza como sendo acérrimos liberais F.D.R. no período do pós-guerra, que eram inteiramente devotos dos ensinamentos do mercado livre. Mesmo o próprio Kristol haveria de declarar mais tarde que “não tinha interesse na ‘economia de mercado’” nos anos após a Segunda Guerra Mundial. Como prova disto, ele referiu que não leu o iconoclástico e anti-totalitário trabalho de Friedrich Hayek, *The Road to Serfdom*, que incentivava um renascimento liberal-clássico na Grã-Bretanha. “Eu não acreditei nem por um momento que o povo Americano iria permitir ser seduzido ou coagido ao longo de qualquer trajeto”, ele escreveu em 1955. “Eu considerei esse tipo de “anti-estatismo” como uma espécie de histeria política, bem como excessiva a sua reacção ao New Deal”.

O que Kristol não mencionou foi que ele já se tinha decidido opor à economia planificada nesse momento. Para poder acompanhar Himmelfarb à austera Inglaterra, Kristol obteve um visto de trabalho servindo como correspondente para o *New Leader*, um periódico liberal, anti-comunista, baseado em Nova Iorque. Num artigo notável, ele denunciou o *Town and Country Planning Act* de 1947 da Grã-Bretanha, que pretendia controlar o uso da terra ao requerer que todos os planos de desenvolvimento fossem aprovados pelo recentemente criado

Conselho Central da Terra. Ele criticou “o Governo Socialista de Sua Majestade” pela sua intenção de perseguir uma economia planificada. Esta lei, que ele mais tarde lamentou ser “uma das medidas de maior alcance em toda a história Britânica”, também ordenando que fosse cobrada uma taxa aos indivíduos por qualquer aumento no valor da terra, causado pelo desenvolvimento – ou mesmo por um desenvolvimento projectado – de propriedade. “O especulador de terras na Grã-Bretanha”, alertou Kristol, “está confrontado com a extinção”. Não é coincidência que Hayek, que saudou o direito à propriedade privada como “o mais importante garante da liberdade”,

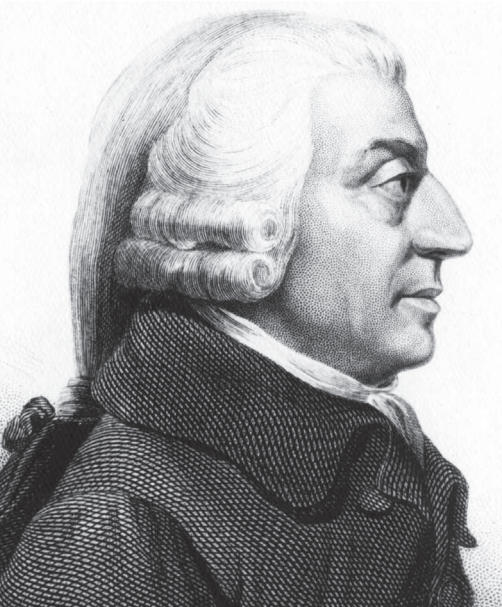


| Edmund Burke |

tenho criticado esta lei como sendo “despotismo administrativo”.

Ademais, no preciso momento que Kristol referiu mais tarde não ter tido referencia de Hayek, a sua mulher tinha começado a comunicar directamente com a figura máxima da escola Austríaca de economia, então professor na London School of Economics. Himmelfarb e Hayek discutiram, entre outras matérias intelectuais, o seu próximo lançamento de “uma sociedade internacional Acton para promover os ideais da liberdade e da moralidade”, que se tornaria na Mont Pelerin Society. Hayek tinha não apenas iniciado o *Road to Serfdom* com uma citação de Acton, como também o tinha aclamado como sendo um dos “grandes filósofos sociais individualistas do século XIX”. Himmelfarb admirava Hayek por

ter relacionado Acton a Adam Smith e à “escola de Manchester”. Escrevendo no *Journal of Modern History* em 1949, ela recapitulou a palestra de Hayek em 1945 na University College Dublin, na qual ele distinguiu os “verdadeiros individualistas” do Iluminismo Anglo-Escocês dos “falsos individualistas” do Iluminismo Continental. Os últimos, Himmelfarb explicou, “assumem que a liberdade é o produto de um desígnio social consciente, a aplicação de uma ideia única, consistente e racional”, enquanto que os primeiros “são sensíveis à complexidade e falta de direcção que caracterizam uma sociedade”. Esta forte distinção entre os dois Iluminismos provaria ser, mais tar-



| Adam Smith |

de, fundamental para o próprio trabalho de Himmelfarb e de Kristol.

A sua prolonga estada em Cambridge deixou Kristol e Himmelfarb impressionados com as qualidades que tinham permitido aquilo a que o historiador francês designou de “o milagre da Inglaterra moderna” – a capacidade da nação de escapar ao tumulto revolucionário da Europa. Eles concordaram com Hayek em que os “Anglo-Saxões...possuíam – num grau mais elevado que a maioria das outras pessoas” as virtudes básicas da “independência e auto-confiança, iniciativa individual e responsabilidade local...respeito pelo costume e pela tradição, e uma suspeição saudável relativamente ao poder e à autoridade”. Kristol admirou os Britânicos pela sua “tenacidade de bulldog que suscita uma

admiração universal, aquela incomparavelmente obstinada, persistente e inabalável fixidez de mente”. Assim, o casal deixou a Grã-Bretanha em 1947 como perseverantes Anglófilos. Semanas depois de ter regressado a Brooklyn, Himmelfarb confessou numa carta a Herbert Butterfield; “Vagueio por estas ruas barulhentas, movimentadas e feias e recordo nostalgicamente os pântanos de Cambridge. Passo muito tempo a projectar esquemas para regressar a Inglaterra”. Como o destino quis, o casal regressaria a Inglaterra apenas uns anos mais tarde.

Depois de regressar a Nova Iorque em 1947, Kristol foi contratado como o



Se eu quisesse dizer o que é o neoconservadorismo como um impulso intelectual”, Kristol afirmou em 1983, “diria que é um esforço para unir estas duas tradições conservadoras representadas por um lado por Edmund Burke e por outro por Adam Smith”

editor júnior da *Commentary*, a mais recente revista do Comité Judeu Americano cuja missão dupla era contestar o Comunismo e guiar os intelectuais judeus para o seio da vida americana, afastando-os da alienação. Durante os cinco anos do seu cargo, de 1947 a 1952, ele usou maioritariamente a sua posição como um púlpito para castigar o Judaísmo dominante por ter substituído a revelação pela razão – ou, como ele dizia, por ter substituído o “Senhor das Hostes” pelo “Deus dos filósofos”. Um após

o outro, ele criticou os mais queridos rabis da América por trocarem a tradição rabínica por um progressismo político inspirado no profeta para que se mantivesse relevante durante a deriva espiritual do pós-Holocausto. Ele temia que as suas preocupações com a acção social estivessem a incutir um novo, quase-religioso radicalismo. “O que é que fazemos”, perguntou Kristol numa crítica mordaz em 1948 do *Basic Judaism* do Rabi Milton Steinberg, “de um rabi que alega que a Mishná e o Talmude garantem o direito à greve – assim consentido às Sagradas Escrituras a satisfação de terem preparado o caminho para a lei nacional das relações laborais!”.

Enquanto Kristol disparava nas linhas dianteiras com os seus ataques incendiários, Himmelfarb arrecadou, meticulosamente, através do arsenal de história intelectual novas munições para as suas batalhas. Durante seis anos, ela produziu mais de dez ensaios sobre uma variedade de tópicos e publicou a sua dissertação em Acton, muito aclamada – que incluiu uma revisão brilhante no *New York Times*. No entanto, um dos seus trabalhos destaca-se de todos os termos em termos de iluminação transmutação política de Himmelfarb e seu marido: “Profetas do Novo Conservadorismo”, publicado na *Commentary* em 1950, era uma valorização aprovada de algumas correntes que emergiam à direita. Neste ensaio, Himmelfarb expressou admiração pelo emigrante Alemão-Judeu Leo Strauss, cujo método por excelência de análise de textos de filosofia política impedia o relativismo por exigir que os sábios do passado fossem compreendidos tal como eles se compreendiam a si próprios. O Strauss convenceu-a – e evidentemente também ao Kristol – que a filosofia política clássica poderia ser usada para reflectir sobre os limites factíveis da política.

Himmelfarb também louvou o vencedor do prémio Pulitzer o poeta Peter Viereck por combater o tipo de “liberal” que estava “possuído por uma optimista e secular, frequentemente hedonística, religião do progresso; uma fé nas massas, na bondade natural do homem, e na técnica moderna; um gosto pela igualdade em vez de pela liberdade, pela mudança em vez de pela tradição, e por padrões relativos em vez de absolutos”. Viereck aclamou Edmund Burke como um herói na *Conservatism Revisited*, o seu trabalho magistral

de 1949 sobre o diplomata Austríaco Prince Metternich. E, já em 1940, na *Atlantic Monthly*, o poeta tinha referido um “Novo Conservadorismo” que “sintetizaria conservadorismo cultural, espiritual e político com reforma económica”.

Kristol, estimulado pela bolsa de estudo de Himmelfarb, emergiu como um crítico cada vez mais aberto do liberalismo. Numa carta de 1950 a filósofo inglês Isaiah Berlin, ele derrubou esta ideologia de esquerda por ter sido arruinada por “um vulgarizado Hegelianismo”. Na *Commentary* do ano seguinte, ele declarou que a apreciação infame de Lincoln Steffens de 1919 relativamente à União Soviética – “eu vi o futuro e funciona” – poderia ter efectivamente funcionado como o “epitáfio na lápide do liberalismo do século XX”. Em 1952, também na *Commentary*, Kristol insistiu que “Progresso, Revolução e Liberdade” se tinham tornado “nas palavras chave do liberalismo moderno que agora soam de alguma forma vazias”. Na *New York Times Book Review*, ele questionou mesmo a integridade moral da vaca sagrada do liberalismo: o estado de bem-estar estatal. “A ideia da ‘liberdade de querer’, de um nível de vida decente assegurado pelo estado”, ele proferiu, “exerce tal influência sobre as mentes dos homens que todas as ordens sociais existentes estão à sua mercê”.

Pouco depois, Kristol e Himmelfarb encontraram a razão para regressarem à Grã-Bretanha. Entre 1953 e 1958, Kristol foi co-fundador e editor, como o escritor e poeta inglês Stephen Spender, da *Encounter*, uma revista mensal baseada em Londres e patrocinada pelo Congresso para a Liberdade Cultural, uma organização internacional anti-comunista. Este Congresso foi exposto em 1967 por ter sido uma frente extravagante de propaganda para a Agência Central de Inteligência (CIA), apesar de até hoje não existirem provas de que tanto Spender ou Kristol estavam conscientes do envolvimento da CIA. Mais importante, é aparentemente através de um detalhado exame de materiais arquivados que os dois editores mantiveram total controlo editorial sobre o conteúdo da sua publicação. Ao oferecer um espectro de opinião em cultura e política, a *Encounter* ambicionou mostrar que foi a democracia liberal, e não o comunismo soviético, que valorizaram a liberdade e o pensamento

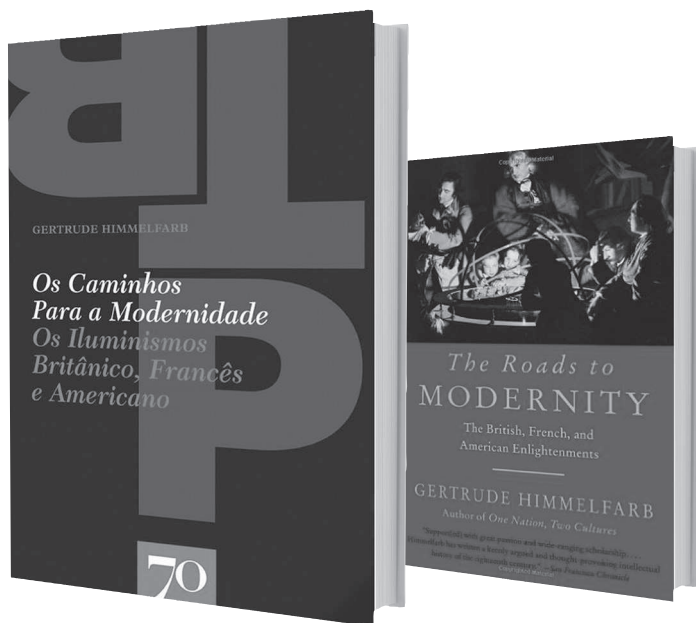
soberano. Desde a sua concepção, a revista enfrentou uma mistura de expectativas elevadas e de grandes desafios internos. Mas quase imediatamente após a sua estreia em Outubro de 1953, *Encounter* foi considerada, nas palavras do historiador Hugh Wilford, como “a principal revista de opinião política ‘séria’ e de expressão cultural na língua inglesa”.

Enquanto Kristol trabalhava no seu escritório no número 25 de Haymarket, Himmelfarb dedicava as suas horas a escrever um segundo livro e a educar os seus filhos, Bill, nascido em 1952, e Elizabeth, nascida em 1956. Foi entre a confusão típica da vida familiar – doenças, uma caldeira defeituosa e semelhantes – que Himmelfarb investigou e compôs um trabalho fantástico no naturalista Charles Darwin e no efeito do seu pensamento na sociedade vitoriana. “Antes de Darwin, um espírito audaz poderia sentir-se tentado a pensar em Deus como o mero zelador das leis da natureza”, ela afirmou. “Depois de Darwin, não era preciso grande coragem para pensar nas leis da natureza como, elas próprias, guardiãs do universo”. Com a notoriedade pública de Kristol a aumentar, Himmelfarb continuou a trabalhar em grande parte no *background*, ainda que as suas ideias tenham sempre estado no primeiro plano do pensamento do seu marido. “Estou certo de que foi o entendimento de Bea da história inglesa e do conservadorismo inglês que contribui tão enormemente para o poder apelativo da *Encounter* naqueles primeiros dias”, notou Sir Peregrine Worsthorne, antigo editor do *Sunday Telegraph*, “não apenas para os intelectuais progressistas – para quem foi inicialmente dirigida – mas também para os de direita que sentiram ali uma afinidade que nunca foi de certo abertamente permitida”.

Cinco anos em Inglaterra aproximaram Kristol e Himmelfarb ao conservadorismo. Eles conheceram muitas pessoas em Londres, evidentemente, mas ficaram melhor impressionados com um grupo de jovens esperançosos Tories: Worsthorne, então um lutador jornalista; Henry Fairlie, um escritor freelancer que já tinha trabalhado para o *Times*; Colin Welch do *Daily Telegraph*; Michael Oakeshott, professor de ciência política na London School of Economics; e Malcolm Muggeridge, editor do *Punch*. O brio, a flutuabilidade e o humor cáustico exalado por estes impe-

nitentes partidários de direita encantou Kristol e Himmelfarb, apesar de tudo, que vinham de um meio social onde as crenças conservadoras eram escassas. Os Tories eram de formação para Kristol. Ele usou um chapéu de côco e uma guarda-chuva e lamentou a morte do “*Establishment*” britânico, descreveu as vantagens do sistema de classes do país e celebrou os Britânicos por ainda citarem Edmund Burke na Câmara dos Comuns. “Ele é despretensioso, simples, bastante humilde e destribilizado, e está obviamente em casa em Londres, que ama”, o *Observer* escreveu de Kristol imediatamente antes de ele ter deixado a *Encounter* em 1958. “Ele é um daqueles Americanos de esquerda com uma fraqueza pelo conservadorismo Britânico”.

Uma notável reflexão do crescente conservadorismo de Kristol foi a sua perspectiva nos assuntos internacionais. “A democracia, graças a Deus”, afirmou em 1956, “não é indivisível, mais do que a paz o é; nós não precisamos de soluções perfeitas para sobreviver num mundo imperfeito”. Enquanto devoto de Edmund Burke, Kristol estava consciente de que a democracia liberal, como praticamente qualquer outra tradição política, social e cultural, era precisamente isso – uma tradição. Consequentemente, a democracia liberal tinha que ser vista como única, uma manifestação dependente do contexto de gerações de provações e adversidades, e não como um bem que poderia ser facilmente exportável. Kristol ficou intrigado pelos primeiros escritos do arco-realista Henry Kissinger e criticou as iniciativas do Ocidente durante a Guerra Fria, da ajuda internacional à intervenção militar, que procurou transplantar os ideais, as instituições e a economia liberal para cantos do mundos que tinham demonstrado muito pouco, ou nenhum, interesse neles. “A maioria dos Europeus e dos Asiáticos pensam que a América tem uma mente ‘realista’ demasiado limitada na sua abordagem aos assuntos internacionais”, ele disse ao historiador de Oxford Heinz Koeppler em 1955. “Eu argumentaria a posição contrária, dizendo que não somos realistas de todo”. Quarenta anos mais tarde, Kristol confirmou: “Eu considero o ideal de ‘um mundo sem guerra’ como utópico, e ‘fazer o mundo seguro para a democracia’ como um empreendimento inútil”.



Gertrude Himmelfarb
Os Caminhos para a Modernidade,
traduzido do inglês
The Roads to Modernity

No momento em que voltaram para casa em Nova Iorque em 1958, Kristol e Himmelfarb já se tinham afirmado na tradição clássica liberal e, portanto, preparada para reagir negativamente às agendas arrebatadoras e progressivas das administrações de Kennedy e de Johnson. A sua reprovação fervorosa de algumas premissas e programas da Grande Sociedade, que se baseavam em académicos distantes e burocratas vacilantes para curar a América da pobreza, iliteracia e divisões sociais, não foi o resultado de uma epifania. Foi o resultado da convicção, construída ao longo de duas décadas, de que as instituições humanas, nas palavras do seu amigo Michael Oakeshott, “são o produto de inúmeras escolhas humanas, durante longos períodos de tempo, mas não de algum desígnio humano”.

NEOCONSERVADORISMO E CONSERVADORISMO

Depois de mais uma década a destacar o iliberalismo do liberalismo, principalmente através da *Public Interest*, Kristol retribuiu várias sugestões que tinha começado a receber da direita. Em 1969, ele acolheu um convite de William F. Buckley Jr., para integrar o “Boys’ Club”, um pequeno grupo informal de jornalistas que se encontravam para almoçar a cada dois meses, quer na maisonette de Buckley na Park Avenue e na rua East 73rd Street ou na luxuosa Century Association no centro de Manhattan. No ano seguinte, apesar de ter apoiado Hubert Humpfrey nas eleições presidenciais



Eles concordaram com Hayek em que os “Anglo-Saxões... possuíam – num grau mais elevado que a maioria das outras pessoas” as virtudes básicas da “independência e auto-confiança, iniciativa individual e responsabilidade local

de 1968, Kristol começou a receber – e a aceitar – convocatórias para jantares na Casa Branca de Richard Nixon e dos seus assessores. Em 1971, começou a trocar correspondência com George Will, um membro da equipa do Senado com 30 anos. Em pouco tempo, Will assinou com reverência uma carta, “Yr mst hmb’l & ob’t sv’t”. No ano seguinte, Kristol viajou para a Suíça para proferir uma palestra no encontro do 25º aniversário da Mont Pelerin Society, a organização de mercado çivro que Hayek havia fundado em 1947. Em 1972, ninguém

do outro lado do espectro político ficou surpreendido quando ele foi convidado para contribuir com uma coluna mensal para o Wall Street Journal.

Durante o seu quarto de século de contribuição com o jornal, Kristol tentou mostrar a forma como o “capitalismo” – um rótulo que Himmelfarb nunca deixou de referir ter sido inventada pelos socialistas do século XIX – tinha tombado do seu moralmente iluminado e liberal-clássico pedigree. Notavelmente, Kristol deu apenas “dois vivos”, em vez dos habituais três, no título de uma colecção de ensaios de 1978. “É o ethos do capitalismo que está em grandes condições precárias, não a economia do capitalismo – que é, sem dúvida, a sua graça salvadora”, afirmou em 1979. Assim, a sua disputa era com os líderes empresariais, os capitães da indústria que, segundo ele, tinham degradado “o óbvio e simples sistema de liberdade natural” de Adam Smith, por não terem um sentido de obrigação cívica. “A responsabilidade social começa em casa”, escreveu em 1974, “e se as grandes corporações desejam reconquistar a confiança do público Americano, têm que considerar quais são os tipos de mudança que tornarão mais merecedora esta confiança”.

Tanto a aceitação de Kristol pela direita como a sua favorável apreciação, ainda que crítica, da economia de mercado são mais facilmente entendidas à luz da sua odisséia intelectual, e da de Himmelfarb, que não começou em meados dos anos 60 mas no início dos anos 40. E à luz dessa odisséia, o lugar de Kristol e de Himmelfarb na geografia intelectual do conservadorismo americano, e mesmo a sua relação com outro neoconservadores, tem que ser re-avaliada.

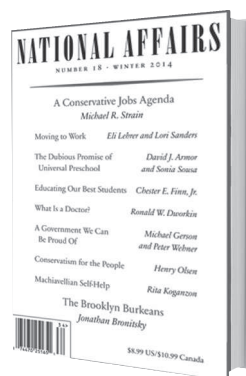
Os académicos dividem frequentemente o conservadorismo intelectual que emergiu na América do pós-guerra em três grupos. O primeiro eram os conservadores “tradicionais” como Russell Kirk, John Crowe Ransom e T. S. Eliot. Eles invocaram Edmund Burke e o seu apelo anti-radical à tradição. O segundo grupo, os “novos conservadores” – como eram designados nos anos do pós-guerra – como William F. Buckley, Jr., Richard Weaver e Peter Viereck. Eles olharam para Burke bem como para Adam Smith como a justificação moral para a economia de mercado. O terceiro eram os libertários como Robert Nozick, Albert Jay Nock e Murray Rothbard. Eles admiraram Smith,

para além de Hayek, com a sua contenda de que o comunismo e o fascismo eram meros lados opostos da mesma moeda totalitária. Apesar de a primeira geração de neoconservadores ter interagido com estes três grupos, eles operaram a uma distância – ou pelo menos a maioria dos historiadores intelectuais insistem que eles o fizeram – preferindo a mudança ao costume, a razão à revelação, o dogma à filosofia e, assim, celebrando os pensadores distantes do liberalismo clássico como Smith, Hayek e, particularmente, Burke.

“Os aderentes do neoconservadorismo”, proclama o teórico político Stephen Bronner, “estão despreocupados com o que Edmund Burke chamou os laços que ligam ‘os mortos, os vivos e os que ainda estão para nascer’”. O historiador Justin Vaïsse observa que os neoconservadores, “inspirados mais por Alexis de Tocqueville do que por Edmund Burke or Friedrich Hayek, estes intelectuais não tinham quase nada em comum com o ‘real’ movimento conservador que tinha tomado forma em torno de William F. Buckley, Jr. E a *National Review* a partir de 1955”. “Os neoconservadores distinguiram-se claramente dos conservadores tradicionais como Friedrich von Hayek ou Russell Kirk”, assevera o historiador Murray Friedman. E acrescenta, “Os paleos seguiram o pensamento de Edmund Burke e de Thomas Carlyle, que enfatizaram a religião, a hierarquia social e o estatuto. Os neoconservadores eram descendentes directos do Iluminismo”.

Estas avaliações descrevem efectivamente a maioria dos indivíduos que se tem auto-identificado e que têm sido designados como neoconservadores, mas não descreve Kristol nem Himmelfarb. O casal, tal como os conservadores tradicionais, os Novos Conservadores e os libertários da América do pós-guerra, estava imbuído no liberalismo clássico, que valorizava a liberdade individual mais do que a igualdade de resultados, a sabedoria latente do “preconceito” mais do que a razão filosófica, e a convenção mais do que a mudança radical.

Para reforçar, muitas figuras eminentes conhecidas como neoconservadores eram antigos radicais que se tornaram liberais do New Deal e que se desviaram para a direita depois dos enormes esforços progressistas da década de 1960 terem desabado ao seu redor. Mas Irving Kristol e Gertrude Himmelfarb



The Brooklyn Burkeans in National Affairs
Number 18,
Winter 2014



O principal serviço que Kristol e Himmelfarb ofereceram àqueles que os seguiram em direcção ao conservadorismo foi uma forma de pensar que combinou uma abertura para a mudança ponderada com uma resistência contra um idealismo desenfreado

não seguiram simplesmente esse caminho e o seu papel em facilitar a evolução à direita de inúmeros amigos e colegas – através do poder e do exemplo dos seus trabalhos e argumentos – tem de ser, à luz disto, percebido como novo.

UM EMPREENDIMENTO MORAL DISTINTO

O principal serviço que Kristol e Himmelfarb ofereceram àquele que os seguiram em direcção ao conservadorismo foi uma forma de pensar que combinou uma abertura para a mudança ponderada com uma resistência contra um idealismo desenfreado.

Enquanto liberais clássicos, e recuando tão atrás como ao início dos anos 40, Kristol e Himmelfarb valorizaram o passado

mas também reconheceram que o futuro teria que ser diferente. Mesmo Burke, que denunciou a queda do *Ancien Regime*, aceitou a Revolução Americana e insistiu que um “estado sem os meios para alguma mudança é um estado sem os meios necessários para a sua conservação”. Como as do seu herói irlandês, as esperanças pelo progresso de Kristol e Himmelfarb foram formadas e mitigadas pela perspectiva de que a natureza humana é imutável e que até mesmo o mais pequeno ajuste ao tecido social está destinado a dar origem a consequências não intencionais.

“O maior esforço intelectual do neoconservadorismo”, Kristol afirmou em 1977, “é de-utopianizar o pensamento político” [“to de-utopianize”]. Foi um esforço que, para ele e para a sua mulher, começou em reacção às promessas fantásticas do radicalismo nos anos 30 e 40, continuou em resposta à ascensão do racionalismo e da ciência social “sem valores” na década de 1950, e que se aprofundou no início da superabundância tecnocrática da Grande Sociedade nos anos 60. Ao longo dos anos, Kristol e Himmelfarb tornaram-se “intelectuais anti-intelectuais”, que abominavam arrogâncias e que admiravam a sabedoria intrínseca do homem comum. Da mesma forma, privilegiaram a original “filosofia republicana” da América com a sua ênfase na liberdade e na virtude sobre o “dogma democrático” emergente que destacava a paridade e a tolerância. Tal como Kristol tinha assentido na *Encounter* em 1960, não houve “desentendimento” entre Burke e os pais fundadores relativamente ao facto imperativo de que “o auto-governo é um empreendimento moral distinto” [“distinctly moral enterprise”].

Nas mãos de Kristol e Himmelfarb, esta disposição para confiar nas virtudes fundamentais da América – uma disposição que promove o aperfeiçoamento material e a reforma social, ao mesmo tempo que apoia o cepticismo da audácia burocrática – criou espaço para uma crítica inovadora do liberalismo. Indiscutivelmente, a persuasão de Kristol e Himmelfarb não era a mesma da de muitos intelectuais neoconservadores – especialmente daqueles concentrados em política externa. Mas foi essencial para tornar possível um movimento mais amplo que moldou indelevelmente o conservadorismo americano e, através disso, a vida americana.■

in *National Affairs*, Nr. 18, Winter 2014, pp. 121-136.